

SUBJETIVIDADE E DIALOGICIDADE NA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ COM SÍNDROME DE MÖEBIUS¹

Ana Paula Nóbrega de Melo *

Resumo

Neste estudo nos concentramos sobre o desenvolvimento das condutas comunicativo-linguísticas e nas condutas dialógicas entre a mãe e um bebê portador da seqüência de Möebius. Investigamos as modalidades de inscrição do bebê no diálogo e todo o processo de orquestração, permitindo a demonstração da integração dialógica da díade, integração esta, que os conduz à afinação languageira. O corpus é constituído de 23 seqüências videográficas entre mãe e o bebê nas idades entre 11 semanas a 17 meses. Analisamos a produção dialógica da díade mãe-bebê quanto a : co-construção do sentido e do gesto; a intersubjetividade e intencionalidade presente nesta interação. Os resultados apontam que os contextos dessas práticas não são prévios aos afazeres nem autônomos à sua implantação: configuram-se na interação, nos momentos de co-construção/orquestração enquanto a moldam reflexivamente num processo dinâmico e sequencial de afinação languageira.

* Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chave: Orquestração – Integração Dialógica Mãe-Bebê – Síndrome de Möebius

Introdução

Desde 8 semanas de idade os bebês já são participantes ativos nas trocas não verbais com adultos. Em domínios diferentes de pesquisas, os estudos feitos com vídeos que mostram a interação adulto e bebê nos primeiros 6 meses da vida levaram a varias conclusões. Os pesquisadores se surpreenderam com o sincronismo

presente nessas interações serem similares às relações simples e intuitivas presentes nas interações informais e lúdicas entre adultos. (STERN, 1974, 1985, 1993; PAPOUSEK E PAPOUSEK, 1997; TREVARTHEN, 1999, 2003; CAVALCANTE, 1999; FOGEL E THELEN, 1987; TOMASELLO, 1988, 1993, 2004).

Os bebês enquanto « silenciosos » exibem no corpo se eles estão ou não engajados numa conversação com o

¹ Artigo baseado em tese doutorado sob o titulo : Subjetividade e Multimodalidade na orquestração dialógica mãe-bebê com Síndrome de Möebius, defendida no PROLING - Programa de pós-graduação em Lingüística – UFPB / Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE) e orientada pela Prof. Marianne Cavalcante. João Pessoa-PB, 2011, 304 p. Tese também orientada pelas professoras Anne Salazar-Orvig e Ivana Markova durante estágio doutoral – Bolsa - PDEE, CAPES, no período de abril a setembro de 2010 na Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle.



adulto. A maioria dos bebês usam seus movimentos corporais, olhares e a mímica facial. Através dessas ações eles sinalizam de diferentes formas que o efeito causado torna-se importante, configurando sua resposta ao adulto (TOMASELLO, 2004). Esses movimentos podem ser considerados assim como gestos-respostas ou “gesture-like” (NEWSON, 1978) e também podem iniciar seqüências interacionais com o adulto que encontra uma configuração para essas ações-respostas do bebê. O adulto, ao interagir com uma criança traz a capacidade de atribuir estados intencionais ao bebê. Eles começam assim uma dinâmica de sincronização envolvendo a orquestração e consequente afinação das suas produções (NOBREGA, 2011). São portanto dinâmicas co-construídas, através de suas co-presenças num jogo dialógico e intersubjetivo.

Para Tomasello (1993) quando o bebê começa a ser capaz de compartilhar a atenção, dirigir e seguir os olhares, repetir, imitar, tentar alcançar e pegar um objeto, são capacidades sócio-críticas que fazem do bebê um ser comunicativo para os adultos. Isto permite, muito precocemente, o seu engajamento em dinâmicas linguístico-comunicativas com o adulto.

Outros estudos mostraram que esta sociabilidade natural dos bebês, envolvendo os interesses, intenções e sentimentos de pais atenciosos, os envolve em um relação afetiva ou “Consciência Cooperativa”, que leva o bebê a consciência de si e do outro, das ações significativas e consequentemente da linguagem (TREVARTHEN E HUBLEY, 1978; TREVARTHEN, MURRAY E HUBLEY 1981; TREVARTHEN, 1979, 1984, 1992, 1999, 2003). A motivação do bebê para a comunicação é estimulada através dos cuidados parentais intuitivos e configuram a capacidade humana para o aprendizado cultural específico e da linguagem (VYGOTSKY, 1987; HALLIDAY,

1975; BRUNER, 1983, PAPOUSEK E PAPOUSEK, 1997; TOMASELLO, 2004; LOCKE, 1993).

Um bebê de um ano de idade, saudável, pode se comunicar diretamente sem a linguagem. Assim, procura partilhar uma experiência arbitrária complexa com pessoas conhecidas. Ele exhibe sem restrições sua personalidade autônoma, socialmente adaptada, de alguém que sabe como se comportar de forma significativa. O bebê presta atenção e imita vocalizações convencionais e gestos, se orientando e manipulando junto com o adulto objetos e imitando suas ações (HALLIDAY, 1975; BRUNER, 1983; TREVARTHEN E HUBLEY, 1978; BATES, 1979; TREVARTHEN E HUBLEY, 1978; TOMASELLO, 1993; TREVARTHEN, 1979, 1984, 1992, 1999, 2003). Todas estas imitações são adaptadas às expressões de reconhecimento, aprovação ou desaprovação do adulto. Nessa idade, a necessidade de regular simultaneamente a consciência “pessoa-pessoa-objeto”, a atenção conjunta e a intencionalidade mutuamente ajustados, estão em primeiro plano.

Neste artigo problematizamos sobre as condutas dialógicas de uma díade adulto-bebê, sobretudo na organização situada desta etapa particular do processo de aquisição da linguagem. As primeiras interações entre o adulto e o bebê são ricas em condutas multimodais, ou seja, procede de uma representação complexa e ativa desde o princípio, de diferentes vias sensório motoras moldadas reflexivamente entre os participantes, nas quais emergem os formatos expressivos co-construídos, dentro da sua história singular. Essas expressões integram os sinais “voco-verbais” e certos sinais não verbais: “co-verbais”, gestos, mímica e posturas. Assim sendo, nesse estudo, as condutas linguístico-interativas foram analisadas dentro da sua própria multimodalidade, ou seja, “da” língua, em correlação com os parâmetros linguístico-cognitivos,



prosódicos e cinéticos (posturo-mimo-gestual) e « na » língua, dentro da dinâmica dialógica.

Observamos o potencial dialógico de uma díade, em que o bebê apresenta uma seqüência de malformações congênitas, a Seqüência de Moebius, que se caracteriza por anomalias na face, entre outras anomalias, decorrentes de paralisia congênita de dois pares de nervos cranianos: o nervo abducente (VI^o par) e o nervo facial (VII^o par), conferindo aos portadores uma inexpressividade mímica (face de máscara) (MILLER E STRÖMLAND, 1999; VENTURA, 2001). A díade composta por mãe-bebê foi estudada longitudinalmente, dos 2 meses e 3 semanas aos 17 meses de vida do bebê. Foram transcritos e analisados 23 registros videográficos, com duração média de 16 minutos cada, das interações livres da díade. Acreditamos que refletir sobre a interação e a linguagem entre mãe e bebê, no início da vida, período em que as interações têm sido descritas como predominantemente em face a face, com bebês portadores de tais alterações, é de extrema importância para o processo de desenvolvimento destes.

Consideramos que os estudos acerca deste tópico precisam abordar mais essas questões que envolvem a dinâmica dialógica, sobretudo durante os 12 primeiros meses de vida. Os estudos fonoaudiológicos sobre a seqüência de Moebius referem-se aos aspectos miofuncionais dos órgãos fonoarticulatórios e das funções estomatognáticas e relatam sobre as alterações de linguagem, mas não abordam com profundidade as questões interacionais envolvidas no processo de desenvolvimento da comunicação e da linguagem desses portadores.

Questões e desenho do estudo

Como a díade mãe-bebê com Síndrome de Moebius orquestrou e afinou suas condutas linguístico-interativas? Quais as modalidades dialógicas que surgiram quanto à simultaneidade e a seqüencialidade do processo de co-construção de suas condutas expressivas?

Nossa hipótese é que as primeiras interações sociais do bebê são reflexivamente imbricadas com a competência linguística do adulto. Pressupomos um funcionamento linguístico precoce para um bebê portador de deficiência congênita, como o que é estipulado nos trabalhos que se interessam pelas aquisições “*linguageiras*”² de bebês normais.

Questionamos sobre as possibilidades de exploração de suas trocas, que vão além das alterações apresentadas pelo bebê com síndrome de Möebius e procuramos entender a estruturação de um ser que se desenvolve através das experiências sociais possíveis, por ele utilizadas. Imaginamos um funcionamento dialógico multimodal sendo orquestrado num processo de afinação *linguageira*, decorrente dos movimentos dialógicos intersubjetivos de co-construção da díade em particular. Pensamos sobre o sentido que a díade vai dar as suas interações, visando a compreensão mútua e o desenvolvimento da subjetividade e conseqüentemente, a linguagem do bebê.

Tratou-se de um estudo observacional, descritivo, longitudinal, do tipo estudo de caso, visando melhor compreender as trocas interativas da díade. A intenção foi identificar o caminho traçado pela díade quanto ao desenvolvimento comunicativo-linguístico do bebê.

Os dados e análises apresentados aqui provêm do trabalho sobre um corpus

² As *aquisições languageiras* seriam as aquisições orientadas para o domínio do uso da língua na comunicação, ou seja, o desenvolvimento das capacidades para: comunicar, conversar e produzir discursos monológicos; assim como desenvolver capacidades para adaptar e adequar suas condutas *languageiras* ao contexto. Podemos resumir isso como a aquisição de competências pragmáticas e sociolingüísticas. (COLLETTA, 2004)





audiovisual com 05 horas, 06 minutos e 24 segundos de registros videográficos realizados no período de agosto de 2007 a outubro de 2008 entre uma mãe e um bebê. A criança é portadora da síndrome de Möebius e começou a ser observada com idade de 11 semanas até 17 meses de vida.

O sistema de transcrição foi desenvolvido, buscando integrar o valor dessas condutas com a perspectiva dialógica do dialogismo. O sistema de transcrição está baseado nos trabalhos iniciais de Goodwin (1981), no qual ele prevê uma transcrição literal do texto verbal, sobre as quais se articulam códigos arbitrários para a identificação dos traços dos signos não verbais.

As convenções de transcrição adotadas nessa tese foram adaptadas e incrementadas de um sistema de convenções desenvolvidos pela Professora Lorenza Mondada e pela autora³, em sua dissertação de mestrado em ciências da linguagem na Université Lumière Lyon 2.

Alguns dados gestuais obtidos no corpus dessa tese foram acrescentados ao sistema de convenção adotado no estudo anterior e com isso, foi criado um sistema específico de convenção para os gestos da díade de maneira que pudesse prever as trajetórias, a temporalidade, assim como sua sincronização com a fala materna e as vocalizações do bebê. Os extratos analisados nesse estudo são constituídos de uma transcrição da fala (numa linha enumerada marcando um turno) e também descrições posturo-mimo-gestuais (na segunda linha abaixo e continuando em outras linhas, porém delimitados por sinais gráficos à linha precedente, referindo-se às falas, jogos/brincadeiras, às marcas visuais das convenções criadas, sem enumeração, pois está fazendo parte do turno, buscando marcar bem a multimodalidade dos enunciados). Ver um breve exemplo abaixo:

Identificação dos participantes:

M : Mãe

R (M) indicação do olhar do bebê para a mãe

Delimitação do gesto:

* * indicação do início/fim dos gestos/ações da mãe

“ “ indicação do início/fim dos gesto/ações do bebê

O sublinhado marca todo tipo de vocalização do bebê (choro, riso, grito, balbucio...)

Descrição dos gestos:

[● ●] para os beijos

[☺ ☺] para os sor(risos) da mãe - do bebê em **negrito**

[≡ ≡] para os cheirinhos

[✋ ✋] para o bater palmas da mãe – do bebê em **negrito**

Transcrição dos turnos:

15 M ` `&*ta reclamando de que minha vida/*hein mãezinha/
hein

³ Corpus extraído de uma interação pai-bebê com síndrome de Moëbius. O sistema de transcrição adotado atendeu, de forma bem estruturante às perspectivas teórico-metodológicas adotadas nesse estudo. Tese de mestrado da autora defendida no “Master en Sciences du Langage”, menção pesquisa, pela Université Lumière Lyon 2, França e orientada pela Profa. Lorenza Mondada. Título: LE DEVELOPPEMENT DE LA COMMUNICATION AU DEBUT DE LA VIE : Les apports des perspectives dynamiques et socioculturelles aux études de l’interaction. Lyon, 2006. 138 paginas.



°mãezinha° \ [☉ξ ξ] / [☉☉☉☉☉] / `` [☉☉☉☉☉] / * [☉] * /

hhh

`` [☉☉☉☉] / * `` é:mainha ta mandando um beijo / [☉☉☉☉] / `` *hum:: ta olhando pra mamãe é coisa linda* / * `` [☉☉☉] / * é mamãe `` / &

passa a mão E no rosto do bebê *mão E no queixo do bebê*

sorri *da um cheiro na testa do bebê* *segura a mão E do bebê* *passa a mão E no rosto do bebê* *segura a mão E do bebê* *passa a mão E no rosto do bebê*

16 B ``>R(M) -> ``vocaliza`` ``vocaliza`` ``vocaliza``

Sistemas de transcrição como este estão sempre em construção no laboratório ICAR – Lyon 2 por Mondada (2003, 2004, 2006, 2008).

As convenções criadas para este estudo foram tentativas, como dito anteriormente, de fidelizar, tornando pertinentes as condutas dos participantes dessa díade em particular. Desenvolvemos assim, convenções que dessem conta o mais precisamente possível das ações da díade. Um exemplo interessante é a convenção [ξ] que marca uma prática comum e particular da região nordeste do Brasil, além de ser o resultado de um processo histórico-cultural, que é a de sentir o outro dando um cheiro. Esse “cheiro” (ação) é frequente nas relações mais íntimas (pessoas muito próximas e familiares) e sobretudo nas interações adulto-criança.

A co-construção/ orquestração na díade mãe-bebê

Vamos nos concentrar nas ações coordenadas da díade, na dinâmica dialógica, os movimentos de sincronização entre a mãe e o bebê, mais especificamente mostrar alguns exemplos da orquestração e afinação de suas condutas quanto à posturo-mimo-gestualidade, ou seja, na aquisição de linguagem baseada no uso. (TOMASELLO, 1993; 2004)

Nós argumentamos que nas experiências vividas nas instâncias

dialógicas: os corpos co-existem em relação a outros corpos. Eles se engajam ao vivo (co-presença) e no ‘tempo’ na comunicação com outros corpos, e eles co-regulam seus movimentos com o movimentos dos outros. Vemos isso como: o processo de entrar em ressonância com o outro.

Concebemos que uma estratégia produtiva para estudar como as crianças desenvolvem seu senso de “self” é através do exame das suas ações nos contextos dialógicos co-criados entre os bebês e suas mães.

As análises que se seguem sobre a *posturo-mimo-gestualidade* da díade são influenciadas pelos fundamentos teóricos apresentados sobre o dialogismo Bakhtiniano e os defendidos por Markova, a multimodalidade fundamentada nos trabalhos de Goodwin e gestualistas como McNeill e Kendon e as habilidades de compreensão da ação intencional da díade segundo a visão de Tomasello.

Bakhtin enfatizou que os indivíduos se situam (posição/proxemia) e se sentem em relação aos outros, no próprio ato de se comunicar com os outros. É importante notar que a filosofia de Bakhtin do diálogo não deve ser simplificada para a análise somente do discurso interpessoal. O diálogo representa uma visão de mundo na qual a existência de um senso de individualidade, não é divorciada da experiência de estar com os outros (MARKOVA, 2006). É nossa



afirmação, então, que cada experiência é uma experiência dialógica e afetiva, em que o diálogo se dá no contexto de uma comunicação inter e intrapessoal.

Este ponto de vista da individualidade vivida e situada no diálogo, não nega o “eu” como distinto do outro. Bakhtin escreveu frequentemente sobre as experiências de individualidade vividas como um “evento único e unificado do ser,” um ser cujo único corpo, cuja única existência é vivida dialogicamente através de movimentos mútuos de comunicação com os outros (BAKHTIN, 1984). Mas como é que nesta posição única o self emerge através do diálogo? Parte da resposta é a noção de Bakhtin de simultaneidade no espaço e no tempo. Quando envolvido em encontros de comunicação com o outro, o “eu” e o “outro” simultaneamente ocupam diferentes corpos localizados em espaços diferentes, o que circunscreve a posição de cada indivíduo em relação um ao outro. A individualidade, portanto, envolve pelo menos três parâmetros que colaboram de forma contínua e ativamente um com o outro: “eu”, “outros”, e as relações entre o “eu” e o “outro”.

Para melhor ilustrar essa noção de simultaneidade, vamos considerar uma ocorrência hipotética comumente observada na vida de muitos bebês. Quando uma criança move o braço em direção a um objeto que está fora de seu alcance, a realização (ou não) deste movimento vai depender da possibilidade ou não desse objeto ser colocado dentro de seu alcance por outra pessoa (digamos a sua mãe). Neste caso, para a criança ter experiências corporais de atingir com sucesso o objeto, vai depender do suporte fornecido por sua mãe enquanto ela coloca o objeto mais próximo ao alcance de seu bebê. Se a mãe, no entanto, não colocar o objeto mais próximo enquanto ele move o braço em direção ao objeto e continua a olhar para seu bebê em vez disso, diferentes posições do “eu” são ocupadas por

ambos, mãe e bebê, influenciadas pelo insucesso de chegar ao objeto.

Com esse exemplo, podemos testemunhar a dinâmica de dois corpos simultaneamente em duas posições espaciais diferentes, co-participando nas experiências cinéticas de chegar ou não a um objeto. E ao mesmo tempo ocupando diferentes corpos que estão tendo percepções e compreensões diferentes em relação um ao outro. A mãe e o bebê estão dialogicamente circunscrevendo a posição de cada um e do outro. Essas mudanças corporais são essenciais também para as nossas experiências emocionais do “eu” e do “outro” ao longo do tempo.

Observamos que dessa forma ao circunscrever seus espaços no diálogo, com a ajuda do outro, o bebê aprende a se situar no tempo e no espaço, ou seja, “na” dinâmica dialógica e com isso podemos inferir que dessa forma ele está ‘esboçando’ e expressando através de suas ações (refletidas no outro) seus primeiros ‘julgamentos’ no sentido de que « perceber é fazer distinções » (MARKOVA, 2006, p. 55). Concebemos esse processo como respostas compreensivas ativas do bebê enquanto configura as suas percepções com o adulto. (TOMASELLO e COL 2005)

Ao considerarmos isso, o desenvolvimento do “self” é visto aqui como um processo ativo e contínuo de “co-estar”: “co-estar” nos diálogos linguisticamente dominados, nos diálogos cinesteticamente dominados, ou ambos. Esse “co-estar” se passa dentro de uma dinâmica comunicativa multimodal que vai ganhando significação ao longo do tempo. Consideramos que é também importante ver a comunicação enquanto uma atividade multimodal, portanto, de ver a atividade que envolve a língua mais do que se centrar na fala.

Numa interação adulto-bebê as trocas estão baseadas sobre aspectos verbais e não verbais, ou seja, multicanais em plena dinâmica de



estruturação dos seus significados. Segundo Mondada (2002) a interação é o lugar social no qual não somente a ordem social é ratificada, mantida e transformada, mas também ela é apropriada pela criança nas suas tentativas de participação. Para Goodwin (2003) é importante a descrição e a análise das práticas através das quais as partes constroem juntos suas participações. Para Tomasello (1993; 2004) é também pelo engajamento colaborativo que as crianças aprendem a internalizar⁴, sob a forma de representações cognitivas dialógicas, as perspectivas dos adultos e a utilizá-las para mediar sua compreensão do mundo e da cultura humana.

Com essas ideias em mente voltamos nossa atenção para as dinâmicas dialógicas da díade em questão envolvendo a *posturo-mimo-gestualidade*.

A construção social da emoção: A co-construção/orquestração do sorriso

Trataremos a emoção dentro do processo de co-construção, portanto, na dinâmica dialógica multimodal. A emoção é considerada aqui como emergente das dinâmicas dos participantes na sequencialidade da interação – sequencialidade interna do diálogo (GOODWIN & GOODWIN, 2000) e como um fenômeno social emergente do processo relacional da dinâmica da interação mãe-bebê – sequencialidade externa (LYRA, 2007; BERTAU, 2007; TOMASELLO, 2004). Em suma: a emoção co-construída através das dinâmicas dialógicas entre o « eu » e o « outro » que envolveram a díade quanto a afetividade.

Sendo uma parte da dinâmica co-construída através de atividades multimodais situadas (GOODWIN, 2000), a emoção não precisa de um « vocabulário » (WIERZBICKA, 2000) para

ser manifestada. Ela vai ganhando sentido “na” dinâmica dialógica da díade adulto-bebê (NEVES, 2006).

É de consenso geral que comunicamos através da face e que esta é um veículo privilegiado para as trocas emocionais (ECKMAN, 1976; 1993). E ainda que a comunicação não resta presa somente a este canal. Porém, diante de uma díade mãe-bebê com síndrome de Moebius podemos levantar a seguinte questão: como eles compartilham suas emoções nas interações precoces em face a face?

Nobrega (2006; 2010) investigou num estudo transversal, o processo interacional e comunicativo de uma díade pai-bebê, o bebê portador de Síndrome de Möebius, e observou a dinâmica comunicativa multimodal entre eles. Nessa dinâmica, os recursos multimodais observados por ela dentro da abordagem da Análise Conversacional – AC “*strictu sensu* », estavam ricamente presentes e foram compartilhados gerando muitos significados para a díade. Ela constatou que é na pesquisa dos mecanismos processuais pelos quais os participantes co-agem criando sua história desde o começo da vida, que está a possibilidade de discernir sobre as primeiras manifestações comunicativas que integram a história cultural e a mediação simbólica das pessoas.

Assumimos também neste estudo, a visão das emoções como dinamicamente auto organizadas em padrões que emergem através do diálogo e que são singularmente vividas por cada indivíduo, cujo corpo está situado em diferentes locais em relação aos outros. Assim consideramos a face, as posturas e posições, os gestos, as vocalizações, as atividades do cérebro, e os contextos dialógicos em que os seres humanos estão envolvidos. Em outras palavras, as

⁴O conceito de internalização utilizado por Tomasello (1999/2003) parece se aproximar do sentido vygotskiano, em termos de uma relação de subjetivação de símbolos estabelecidos culturalmente. A diferença entre esses conceitos parece ser o destaque que Tomasello e cols. (2005) deram para a internalização como representações cognitivas.



emoções são vividas dinamicamente através das ações, posturas, gestos, vocalizações, movimentos e fluxos biológicos dentro do corpo e elas surgem através do diálogo entre o « eu » e o « outro ».

O sorriso no jogo de cócegas:

Extrato - 18

| | |
|-------------------------|--|
| Data: 29/06/08 | Tempo: 03:31:01~03:48:34 |
| Idade do bebê: 13 meses | Proxemia: mãe e bebê estão frente a frente. O bebê está sentado na cadeirinha e a mãe sentada no chão. |

- 11 M ``*oh teteu/oh/o pé*/*vo'fazê cosquinha no pé de::le``/
 ``vô fazê
 cosquinha no [☺]pé dele [☺]/hh*``/``*o:::lha:::/oa
 teteu/ qu'eh ixo/.
 hum/[☹]*/*pé . pé . pé . pé pé pé pé/fala mamãe/. pé``/
 hh.. ``como é o
 nome mamãe hh*/*segula/segula teu pé °mateus°/ segula teu
 pé/
 segula*``/``*segulah não/segulah não/ segulah não/ \$\$\$*``/
 ``*hein mãezinha/hh hum/. [☹]*``
 *mãe pega no pé do bebê e faz carinho** mãe faz cócegas no
 pé
 do bebê**a mãe levanta o pé do bebê e fica olhando para
 ele**mãe pronuncia a palavra pé em frente ao bebê** a mãe
 leva a mão do bebê para segurar seu pé**mãe faz cócegas
 nos
 pés do bebê** a mãe ajeita o bebê na cadeira e dá um beijo*
- 12 B ``R(M) `` ``R(D e mexe os pés) `` ``R(D) `` ``R(E) `` ``R(mexe
 os pés) ``
 ``R(segura nas mãos e olha para E) ``

Observamos nessa brincadeira de fazer cócegas que a mãe não faz somente cócegas no bebê como também sorri das reações dele a isso. A ação dela se repete no mesmo princípio de agir e reagir dentro do contexto e reflexivas às reações do bebê. Vejamos outro exemplo:

O sorriso no jogo de cócegas:

Extrato - 20

| | |
|-------------------------|--|
| Data: 02/08/08 | Tempo: 04:06:27~04:19:46 |
| Idade do bebê: 15 meses | Proxemia: mãe e bebê estão sentados no sofá. Iniciam jogos em face a face e depois com o bebê sentado no sofá. |

- 11 M ``* bora brinca.. (2s) batendo palma [👐👐👐👐👐👐👐]/ batendo
 o pé::/
 cosquinha.. cosquinha/ cosquinha em teteu cosquinha:::/
 cosquinha:::



[☺)]*/*[☹] uhmhhh´/´(11s) fica em pé/em pé..´/´em pé..*´/´*(3s)
 deita::do/ xa::u..(1s)/ xa::u.. ´/´ a mão de mamãe/ mã::o*´/´*(08s)
 [☺]/ta fazendo índio com a mão de mamãe é/é meu amo:: hum [≤] ´/´ é meu
 amo::/tu ta fazendo índio com a mão de mamãe é/aqui oh mamãe oh/
 muahmuahmuahmuah [☹] *´/´
 * pega as mãos do bebê para ele bater, faz cocegas no pé do bebê*dá beijo e coloca o bebê em pé no sofá segurando no braço e na perna do bebê**segura na cabeça do bebê encostando no sofá, coloca sua mão na frente do rosto do bebê e depois fica encostando sua mão na boca do bebê**segura o bebê e da um cheiro no pé do bebê, coloca a mão do bebê na sua boca*

- 12 B ´R(M) (olha para a mão da mãe) (bate palma) (segura suas mãos e mexe os pés) (B) ´ ´ (vocalizações) ´ ´R(B) ´ ´R(F) (mão da mãe) ´ ´
 ´ ´(segura na mão da mãe) (vocalizações) ´ ´R(B) (mexe os pés) ´ ´
 ´R(E) (B) ´ ´

Nesses turnos, vemos dois momentos em que a mãe ri por razões distintas (11). No primeiro momento ela ri das reações do bebê às cócegas e no segundo momento da exibição do bebê que faz o índio: « (08s)[☹]/ta fazendo índio com a mão de mamãe é ».

O bebê pode não estar expressando aparentemente um sorriso, mas suas reações vocogestuais expressam sua satisfação na atividade que estão compartilhando, assim como ele exhibe isso quando faz o gesto e a onomatopéia do índio. O bebê exhibe, portanto, sua compreensão responsiva ativa em coordenação com a mãe. (TOMASELLO, 2004)

Segundo esse autor nos quadros de atenção conjunta, tanto a criança quanto

o adulto definem intencionalmente os referenciais externos e as atividades que compõem esses contextos. Além disso, a criança compreende o papel que ela, o adulto e o referencial externo desempenham nesses contextos, assim como a intercambialidade desses papéis, o que lhe permitirá adotar uma perspectiva externa para formar um autoconceito (TOMASELLO, 1993; 2004) ou para compreender as intenções do adulto ao utilizar símbolos linguísticos para manipular sua atenção (TOMASELLO, 2004).

Observamos mais adiante (3 meses depois) na evolução dessas trocas que o sorriso agora passa a ser compartilhado pela díade.

O sorriso compartilhado

Extrato - 22

| | |
|-------------------------|--|
| Data: 12/09/08 | Tempo: 26:44~44:44 |
| Idade do bebê: 16 meses | Proxemia: mãe e bebê estão sentados no sofá. |



- 09 M `"*for::ça mate::us... (3s)/ hum.hum.hum [☹] hum (1s)
 que foi hein han..(2s)*`"/`"* a::tchim... (1s) mate::us/
 a:tchim. ☺ a::tchim ☺ a:::tchim ☺(2s) a::tchim [☺☺]
 a::tchim a::tchim a:tchim a::tchim
 [☺☺] `"/`"*teteu o mamãe teteu..(2s)/ teteu o mamãe
 a::tchim ☺
 a::tchim [☺☺] a::tchim a::tchim..(2s) *`"
 *apoia o joelho do bebê para tentar levantar, levanta
 o bebê e da um
 beijo e senta o bebê no sofá**senta-se no chão e
 simula espirrar na frente do bebê*
- 10 B `"R(F) (cai no sofá) (tenta se levantar) (vocaliza) (F) `"
 `(E)
 (☺) (F) (☺) (M) (☺) `Š" (A) (☺) (M) (☺) `"
- 11 M `"*teteu vem ca..(2s)/ vem ca p'a mamãe oh..(1s)
a::tchim
 [☺] [ξ] *`"/`"*tete::u fff te::u..(2s) mate::us/ mateus..(2s)
 a:::tchim / tu num que mais rir de mamãe não é/ hein nego
 safado/ hein/(1s) hein meu amor tu num que mais rir de
 mamãe
 mais não é..(2s)*`"/`"*faz carinho ow::: carinho em
 mamãe assim oh
 nã::o sem reclamah mamã::e/ olha::: °o rosto
 de°mamã::e..(1s)
 olha só:: cari::nho tete::u (2s) ta reclamando de que meu
 amo:::*`"
 *chama e segura a cabeça do bebê, da um cheiro**segura o
 bebê**segura a mão do bebê e passa a mão dele em seu
 rosto,
 passa a mão no rosto do bebê*
- 12 B
 `"R(E) (F) (M) (vocaliza) (B) `Š" (D) (F) (E) (M) (B) `Š" (vocaliza) (B) (F)
 (B) (vocaliza) (D) `"
- 13 M `"* hein °senta direitinho senta°/ nã::o..(2s) ei
 psiu
 mate::us..(2s)*`"/`"*a:::tchim. atchim..(2s)/que não [☹
 ☹]
 ri com mamãe mais não*`"/`"*(3s) carinho em mamãe faz
 carinho hein mamãe te::u/ faz carinho hein mamãe oh
 cari:::nho teu (1s) hum faz
 não..(2s)*`"
 *deixa o bebê sentado, segura nos braços dele para não
 cair*
 *faz que espirra, da beijo não mão do bebê**passa a mão do
 bebê em seu rosto, passa a mão na cabeça do bebê*
- 14 B `"R(D) (vocaliza) (F) (D) `"
 `(M) (E) `"
 `(M) (B) (vocaliza) `"



Identificamos pela primeira vez no corpus as respostas do bebê que configuram mais precisamente um sor(riso). Veremos que isso necessariamente está imbricado ao contexto do que eles estão trocando. No turno 9 notamos a mãe simular um espirro e obtém como resposta um riso do bebê (vocal) a cada vez que « espirra ». Isso mostra o quanto os dois estão afinados, senso isso fruto das suas co-construções. Segundo Goodwin (2000) é importante se considerar a relação causa e efeito do evento porque isso mostra que a resposta é muito mais uma questão de organização evidente do que de uma eventualidade aleatória.

Pode ser isso que motiva a mãe a continuar a repetir a ação por mais 6 vezes e em 3 delas eles estiveram bem alinhados compartilhando o riso. Em seguida (11) a mãe ajeita o bebê e o chama para que este olhe para ela e repete o « espirro ». O bebê olha para a mãe e não mais ri, desviando em seguida o olhar para baixo. Porém faz uma vocalização prolongada. A mãe chama a atenção do bebê mais uma vez para olhar para ela e quando ele a olha faz um novo « espirro ». O bebê não ri e ela interpreta com uma prosódia melódica: « *tu num que mais rir de mamãe não é/ hein nego safado/ hein/(1s) hein meu amor tu num que mais rir de mamãe mais não é..(2s)*'´´* ». Na sequência (13) a mãe outra vez faz o « espirro » e também o bebê não ri. Mais uma vez ela contextualiza dizendo: « *(2s)/queh não [☹☹] ri com mamãe mais não** ». E quando o bebê vocaliza, ela completa: « *(1s) hum faz não..(2s)*'´´* ».

Talvez o fato da mãe sempre procurar configurar as vocalizações do bebê em diferentes contextos trazendo-o para o diálogo, eles foram co-construindo, através da orquestração desses harmônicos, uma semântica para chegar até esse nível de compartilhar o sorriso. A expressão de prazer do bebê diante de suas possibilidades de expressão foi

sendo assim modalizada pela mãe. Segundo Goodwin (2000) a exposição às emoções de um participante deve ser analisada dentro de um contexto maior da ação.

Portanto, como explica bem Tomasello (1993, 2004), enquanto a compreensão da ação intencional envolve a compreensão dos objetivos da ação do outro em relação a um referencial externo, a compreensão da intenção comunicativa envolve a compreensão dos objetivos do outro em relação a meus estados intencionais/atencionais. Nesse caso, é imprescindível que a criança tenha uma percepção de si mesmo ao monitorar os estados intencionais dos outros em relação a ela.

Neves (2006 ; 2010; NOBREGA, 2011) observa que o adulto opera em interação com o bebê numa forma de diálogo “em curso” atribuindo sentido tanto às ações do bebê quanto às suas próprias ações. Assim a expressividade do bebê é organizada e partilhada nas estruturas sequenciais do processo interativo.

Considerações sobre a orquestração do sorriso:

A co-construção da díade de momentos divertidos nos quais expressaram seus estados internos de humor, é o fato mais marcante para nós desse processo de orquestração, resultando de processos dinâmicos da relação « eu » e « outro » : a díade riu juntos. Em momentos resultantes de uma “afinação languageira”. (NOBREGA, 2011)

Fazendo uma pequena discussão sobre esse fato se tornar um evento afinado numa díade com um bebê com uma privação da mímica facial, trazemos um ponto importante em relação ao processo terapêutico de pessoas portadoras da síndrome de Moebius.

Sabemos da força ilocutória de um sorriso para a interação humana. Muitos pais de crianças com a síndrome de Moebius desejariam ver o sorriso



configurado no rosto de seus filhos. O fato deles não obterem esse tipo de resposta dos seus filhos pode implicar na maneira como eles interagem entre si. Na tentativa de minimizar as implicações psicoafetivas e sociais no processo interativo dos portadores dessa síndrome, uma cirurgia facial foi desenvolvida há alguns anos pelo Dr. Zuker⁴ e sua equipe em Toronto no Canadá. O pós-cirúrgico envolve uma relação estreita do cirurgião com a equipe multidisciplinar sendo o fonoaudiólogo na maioria dos casos, quem realiza as sessões de reeducação, em que o sorrir (mímica), vai depender do aprendizado pelo paciente de uma “técnica” de reabilitação a ser usada pelo fonoaudiólogo e equipe multidisciplinar. Também pode existir a participação do fisioterapeuta nessas sessões de reeducação motora do sorriso.

Em resumo, as técnicas de reabilitação levam o paciente a aprender a contrair as comissuras labiais para cima. Numa ação contrária ao que certos portadores da síndrome fazem, pois, em alguns casos, vê-se que eles conseguem uma contração de um ou dos dois lábios para baixo, em certos momentos em que possivelmente estão expressando emoções de prazer ou desprazer.

Não vamos discutir quais seriam os critérios tomados pelo cirurgião e equipe terapêutica multidisciplinar para a adoção desse tratamento cirúrgico e conseqüentemente técnico de “reeducação motora do sorriso”. Podemos inferir que, ao menos, o paciente tenha condições de expressá-lo com autenticidade dentro do contexto apropriado. Assim esperamos.

A nosso ver, uma *co-construção dialógica do sorrir* se faz necessária para que ele possa ser realizado fisicamente. Imaginamos que ao adotar uma cirurgia no processo de reabilitação de um paciente com a síndrome de Moebius, o sorrir deve ser um processo a ser

“corporalizado” (embodied) MCNEILL (1992) através das trocas interativas.

Vimos que mãe e bebê orquestraram juntos suas experiências sincronizando dialogicamente suas existências físicas, biológicas, psicológicas e conseqüentemente sociais. A importância de vermos a co-construção intersubjetiva do sorriso pela diáde através do diálogo nos indica uma confirmação empírica do processo dialógico do « eu » e do « outro » - a afinação *linguageira* como resultante desse processo de co-estar dialogicamente (NOBREGA, 2011).

O aparecimento do riso do bebê exhibe a emergência do « eu » / “self”, ou seja, a sua habilidade de funcionar com o o outro e em relação às coisas que importam entre eles (TOMASELLO, 1993, 2004). Os risos («vozes») do bebê durante as simulações de espirro de sua mãe foram autênticos. A autenticidade é « *uma expressão da dialogicidade do Alter-Ego.* » (MARKOVA, 2006, p. 155, grifo da autora) Ainda essa autora afirma: « [...] a dialogicidade é essencial para a identidade pessoal e que a perda da dialogicidade significa também a perda da identidade pessoal » (MARKOVA, 2006, pp. 156-157)

Em suma, a identidade do bebê ficou configurada na autenticidade do seu riso como expressão da sua percepção das ações de sua mãe. O estudo de caso apresentado acima é favorável a esta perspectiva dialógica como sugerimos que o “ser” é sempre e em todos os tempos um “ser-em-relação” em « co-existência ». Quando nos relacionamos nos abrimos para uma multiplicidade de possibilidades, incluindo possibilidades de si mesmo, enquanto ao mesmo tempo, promovendo um sentido de conexão com os outros.

O que propusemos até aqui foi que na conversa mãe-bebê eles são co-autores de cada ação (MARKOVA, 2006),

⁵ Seguir link para mais detalhes sobre essa cirurgia: <http://www.moebiusyndrome.com/go/related-articles/a-smile-for-the-moebius-syndrome-patient> (consultado em 17/04/2011)



mesmo se externamente a vemos de maneira desordenada, ininterrupta ou buscando a sincronização. A co-autoria dessas ações simultâneas, nesse « processo de ser-estar » acontece de forma situada no tempo imediato (orquestração) e de forma seqüencial (afinação). Assim sendo, o significado interativo das dinâmicas dialógicas está intrinsecamente determinado pelas posições dos participantes no dialogo e pela compreensão advinda do compartilhamento da intencionalidade (TOMASELLO e col., 2005). Para as atividades terem sentido elas estão orientadas em relação às interpretações e aprendizados no 'tempo' do dialogo, ou seja, na sequencialidade. E essas interpretações também vão antecipar quais as possíveis direções que essa compreensão pode adotar. (SALAZAR-ORVIG, 1999; MARKOVA, 2006; TOMASELLO e col., 2005)

Esse processo de afinação *linguageira* que defendemos trata-se de um encontro do « eu e do outro » no processo de orquestração e sincronização de suas ações e intenções.

Considerações finais:

Neste artigo vimos de forma breve que é na primeira infância, e mais precisamente no primeiro ano de vida, que o bebê e sua mãe constroem um conhecimento partilhado, um repertório, que permite diferenciar a intenção da mãe das ações específicas do bebê que os levam a atingir o conteúdo da comunicação. Neste contexto, o conjunto das ações podem ser incluídas no diálogo. Esse conjunto de ações como vimos é rico em harmônicos voco-verbais e posturo-mimo-gestuais que vão sendo ajustados através de um fio condutor das ações mutuas compartilhadas visando a afinação. Uma afinação *linguageira* pois comporta tal conjunto expressivo multimodal.

Assim nos damos conta de que ser capaz de orquestrar ajustando-se no

diálogo significa a aquisição de um espaço funcional que permite a manutenção e mudança do diálogo. Isso também significa que a participação individual do bebê como parceiro no diálogo começa a ser revelada. A qualidade dessa simultaneidade, construída e orquestrada, de conhecimento individual sugere uma totalidade organizada de possibilidades. Melhor dizendo, o aumento e a progressão da variabilidade e novidade desses harmônicos co-criados, orquestrados simultaneamente e sequencialmente no diálogo, indica o surgimento de um espaço diferente para o funcionamento da criança, no qual o posicionamento do bebê é marcado enquanto concomitante e inerente ao dialogo.

Nessa dinâmica dialógica, tanto a criança quanto o adulto compreendem as intenções do comportamento (compreensão da ação intencional) e do estado intencional um do outro (compreensão de intenções comunicativas) (TOMASELLO, 2004).

À medida que a criança compreende as intenções comunicativas do adulto e a intercambialidade dos papéis exercidos dentro dos quadros de atenção conjunta, ela (a criança) passa a compreender que o adulto pode também compreender as suas intenções comunicativas. Consequentemente, ela passa a utilizar os mesmos símbolos linguísticos utilizados pelos adultos para atingir suas próprias intenções comunicativas (i.e., manipular os estados intencionais do adulto) (TOMASELLO, 1993; 2004).

Portanto, os símbolos linguísticos são os meios arbitrariamente compartilhados (intersubjetivos) pela criança e pelo adulto, na medida em que ambos compreendem a qual função esses símbolos se prestam e qual o seu próprio papel (tanto da criança quanto do adulto) no quadro de atenção conjunta (TOMASELLO, 1993, 2004; TOMASELLO E COLS., 2005).



SUBJECTIVITY AND DIALOGICITY IN MOTHER-BABY INTERACTION CARRIER MOEBIUS SYNDROME

ABSTRACT

In this study we focus on the development of communicative behavior, language and behavior in the dialog between the mother and baby carrier from Moebius sequence. We investigate the modalities of inscription of baby in the dialogue and the process of orchestration, allowing demonstration of the dyad dialogical integration, which leads them to linguistic tuning. The corpus consists of 23 video-graphic sequences between mother and baby at ages between 11 weeks to 17 months. We analyze the dialogical production of the mother-infant dyad as: co-construction of meaning and gesture; intersubjectivity and intentionality present in this interaction. The results show that the contexts of these practices are not previous or autonomous in their deployment, they are configured in the interaction, in moments of co-construction /orchestration while reflexively shaping a dynamic and sequential linguistic tuning.

Keywords: Orchestration - Mother-Baby Dialogical Integration - Syndrome Möebius

Artigo submetido para publicação em: 29/02/2012

Aceito em: 11/03/2013

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. (1984) – Estétique de la creation verbale. Paris, Gallimard.
- BERTAU, M.-C. (2007) – On The Notion of Voice: an exploration from a psycholinguistic perspective with developmental implications. *International Journal for Dialogical Science* by Marie-Cécile Bertau. Fall, 2007. Vol. 2, No. 1, 133-161
- BRUNER J.S. (1983) – *Child's Talk: Learning to Use Language*. New York: Norton.
- CAVALCANTE, M. C. B. (1999) – *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala diregida ao bebê*. Tese de doutorado inédita. IEL. Universidade Estadual da Campinas.
- COLLETA, J. M. (2004) – *Le développement de la parole chez l'enfant âgé de 6 à 11 ans*. Corps, langage et cognition. Mardaga, Belgique.
- EKMAN P. (1993) – Facial expression and emotion. *American Psychologist*, 48, 384-392.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. (1976) – Measuring facial movement. *Environmental Psychology and Nonverbal Behaviour*, 1 : 56-75.
- FOGEL, A. & THELEN, E. (1987) – Development of early expressive and communicative action: Reinterpreting the evidence from a dynamic system perspective. *Developmental Psychology*, 23, 747-761.
- GOODWIN, C. (1981) – *Conversational Organization. Interaction Between Speakers and Hearers*. Academic Press.
- GOODWIN, M. H., GOODWIN, C. AND YAEGER-DROR, M. (2002) – Multimodality in girl's games disputes. *Journal of Pragmatics*, 34, 1621-1649.
- GOODWIN, C. (2003) – *The Semiotic Body in this Environment*. Discourses of the Body. Applied Linguistics, UCLA.
- GOODWIN, C. (2000a) – Action embodiment within situated human interaction, *Journal of Pragmatics* 32, 1489-1522).



- HALLIDAY, M.A.K. (1975). *Learning How to Mean: Explorations in the Development of Language*. London: Edward Arnold.
- LYRA, M.C.D.P. (2007) – On abbreviation : Dialogue in early life. *International Journal for Dialogical Science* 2, 15-44. Retrieved [29/10/2010] from http://ijds.lemoyne.edu/journal/2_1/IJDS.2.1.02.Lyra.html
- LOCKE J.L. (1993). *The Child's Path to Spoken Language*. Cambridge MA and London: Harvard U. Press.
- MARKOVA, I. (2006) – Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente. Petropolis, RJ: Vozes.
- MCNEILL, D. (1992) – *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- MILLER, M. T. & STROMLAND, K. (1999) – The Möbius sequence: a relook. *J. AAPOS*, v. 3, n. 4, pp. 199-208, Aug.
- MONDADA, L. (2002) – Pratiques de transcription et effets de catégorisation. In B. Bonu (éd). *Transcrire l'interaction, No spécial Cahiers de Praxématique*, 39, pp. 45-75.
- MONDADA, L. (2003) – Parler topical et organisation séquentielle: l'apport de l'analyse conversationnelle. *Verdum*, 25/2, 193-219.
- NEWSON, J. (1978) – Dialogue and Development. In : *Action, Gesture and Symbol. The Emergence of Language*. Academic Pres, England. Cap.3 (pp. 31-42)
- NOBREGA, A.P.M. (2006) - Le developpement de la communication au debut de la vie: Les apports des perspectives dynamiques et socioculturelles aux études de l'interaction » *Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade Lumière Lyon 2, França*. Orientadora : Lorenza Mondada.
- NOBREGA, A.P.M. (2010) – Multimodalidade na interação adulto-bebê. In : *Multimodalidade em aquisição da linguagem*. Org. Cavalcante, M.C.B. Ed. Universitária da UFPB. p. 69-118.
- NOBREGA, A.P.M. (2011) - Subjetividade e Multimodalidade na orquestração dialógica mãe-bebê com Síndrome de Möebius. Tese doutorado defendida no PROLING - Programa de pós-graduação em Lingüística – UFPB / Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE) e orientada pela Prof. Marianne Cavalcante. João Pessoa-PB, 2011, 304 pp
- PAPOUSEK H., PAPOUSEK M. (1997) – Fragile aspects of early social interaction. In L. MURRAY, P.J. COOPER (Eds.), *Postpartum Depression and Child Development*, pp.35-53. New York: Guilford Press.
- SALAZAR ORVIG, A. (1999) - Aléas de la continuité dialogique entre 18 et 24 mois in *Actes des Journées Scientifiques du CIRLEP*, Presses Universitaires de Reims, n° 11, 251 – 271
- STERN D.N. (1974) – Mother and infant at play: The dyadic interaction involving facial, vocal and gaze behaviours. In M. Lewis, L.A. Rosenblum (Eds.), *The Effect of the Infant on Its Caregiver*, pp. 187-213. New York: Wiley.
- STERN D.N. (1985) – *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Development Psychology*. New York, Basic Books.
- STERN D.N. (1993) – The role of feelings for an interpersonal self. In U. Neisser (Ed.), *The Perceived Self: Ecological and Interpersonal Sources of the Self-Knowledge*, pp. 205-215. New York: Cambridge University Press.



- STERN D.N. (1999) – Vitality contours : The temporal contour of feelings as a basic unit for constructing the infant's social experience. In P. ROCHAT (Ed.), *Early Social Cognition: Understanding Others in the First Months of Life*, pp. 67-80. Mahwah. NJ: Erlbaum.
- STERN D.N., HOFER L., HAFT W., DORE J. (1985) – Affect attunement: The sharing of feeling states between mother and infant by means of inter-modal fluency. In T.M. Feild, N.A. Fox (Eds.), *Social Perception in Infants*, pp. 249-268. Norwood, N.J. : Ablex.
- TREVARTHEN C. (1979) – Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity. In M. BULLOWA (Ed.), *Before Speech: The Beginning of Human Communication*, pp. 321-347. London, Cambridge University Press.
- TREVARTHEN C. (1984) - Biodynamic structures, cognitive correlates of motive sets and development of motives in infants. In W. PRINZ, A.F. SAUNDERS (Eds.), *Cognition and Motor Processes*, Berlin-Heidelberg-New York: Springer Verlag. p. 327-350.
- TREVARTHEN C. (1992) – An infant's motives for speaking and thinking in the culture. In A.H. WOLD (Ed.), *The Dialogical Alternative (Festschrift for Ragnar Rommetveit)*, p. 99-137. Oslo/Oxford: Scandanavian University Press/Oxford University Press.
- TREVARTHEN C. (1999) - Intersubjectivity In R. WILSON, F. KEIL (General Eds.), *The MIT Encyclopedia of Cognitive Sciences*, Cambridge, MA: MIT Press, p. 413-416.
- TREVARTHEN C., MURRAY L., HUBLEY, P.A. (1981) – Psychology of infants. In J. Davis, J. Dobbing (Eds.), *Scientific Foundations of Clinical Paediatrics*, 2nd Edition, pp 211-274. London: Heinemann Medical.
- TREVARTHEN, C., AITKEN, K.J. (2003) – Intersubjectivité chez le nourrisson : recherche, théorie et application clinique, *Devenir/4*, Volume 34, p. 309-428.
- TREVARTHEN C., HUBLEY P. (1978). *Secondary Intersubjectivity: Confidence, confiding and acts of meaning in the first year*. In A. Lock (Ed.), *Action, Gesture and Symbol*, (pp. 183-229). London: Academic Press.
- TOMASELLO M. (1988) – The role of joint attentional processes in early language development. *Language Sciences*, 10, pp. 69-88.
- TOMASELLO M. (1993) – On the interpersonal origins of self-concept. In U. NEISSER (Ed.), *The Perceived Self: Ecological and Interpersonal Sources of the Self-Knowledge*, pp. 174-184. New York: Cambridge University Press.
- TOMASELLO, M., CARPENTER, M., CALL, J., BEHNE, T., & MOLL, H. (2005). Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(5), 675-691.
- TOMASELO, M. (2004) – *Aux origines de la cognition humaine*, Retz, S.E.J.E.R., Paris.
- VENTURA, L.M.V.O. (2001) – *Seqüência de Möebius: Estudo Comparativo das Anomalias e Distúrbios Funcionais em Crianças com ou sem Uso de Misoprostol durante a Gestação*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- VYGOTSKY, L. S. (1987) – *Thinking and speech*. New York: Plenum.
- WIERZBICKA, A. (2000) – The semantics of human facial expressions. *Pragmatics & Cognition*, Vol. 8(1), pp. 147-183. John Benjamins Publishing Company, The Netherlands.



APÊNDICE

Convenções de Transcrição – Desenvolvido por Lorenza Mondada (2006) e pela autora (2006 ;2010)

Generalidades

Transcrição em formato “lista”.

Enumeração das linhas dos turnos de fala (mas não há enumeração para as linhas que acompanham as descrições das ações e gestos sincronizados à fala).

Les locuteurs sont notés par une lettre correspondant au début de leur pseudonyme

B : Bebê

M : Mãe

Anotação das pausas

a) Pausas não cronometradas:

. e .. e ... marcam as pequenas pausas, médias, longas.

(3s) marcam as pausas mais longas, em segundos (à partir de 1 segundo) de forma não cronometrada.

Fenômenos segmentais

: marcam os alongamentos silábicos (de forma icônica com relação a duração por exemplo :: ou :::

Prosódia

/ et \ marcam as subidas e as descidas entonativas.

CAIXA ALTA marcam a intensidade vocal forte.

£££ segmento não audível

pega itálico a voz agudizada/infantilizada/canto

° ° segmento de voz com pouca intensidade

Descrições e comentários

come em **negrito** as falas da mãe

((ri)) entre dois parênteses as ações orais da mãe. Ex : vibrar lábios, estalar língua, etc.

() entre parênteses as ações do bebê

sem parênteses as ações da mãe

fig. 1

marca o momento exato que corresponde a figura ou comentário, de forma sincronizada com a fala/vocalização ou ação (o sinal fica alinhado pelo símbolo # correspondente no texto escrito). Quando tiver.



Descrição das ações (gestos, movimentos, olhares, posturas)

A transcrição dos gestos foi adaptada :

Delimitação do gesto:

* * indicação do início/fim dos gestos/ações da mãe

‘ ‘ ‘ ‘

indicação do início/fim

dos gesto/ações do bebê

O sublinhado marca todo tipo de vocalização do bebê (choro, riso, grito, balbucio, gorjeios...)

Descrição do gesto de uma linha de transcrição a outra:

——> continuação dos gestos/movimentos nas linhas seguintes

——>12

continuação dos gestos/

movimentos até a linha 12

——>>

continuação do gesto/

movimento até o fim da sequência/extrato

Descrição do olhar :

R (M) indicação do olhar do bebê para a mãe

R (chocalho) indicação do olhar do bebê para os objetos

R (E) indicação da direção do olhar do bebê (E = esquerda; D = direita; A = acima; B = embaixo F = frente)

& marca a continuação do turno pelo mesmo locutor, além da interrupção da linha de transcrição para a introdução de um entroncamento pelo outro locutor.

Descrição dos gestos:

Mãe

[]

para os beijos

[]

para os cheirinhos

[]

bater palmas

[]

balançar chocalho

[]

fazer funcionar um brinquedo musical

↑ ↓

baixar ou elevar um objeto diante do bebê

Bebê

bater palmas

beijo

balançar chocalho

fazer funcionar um objeto musical